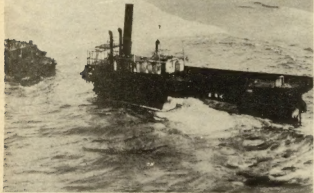
VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO I — N.º 40 — PREÇO: 1 ESCUDO — LISBOA, 19 DE FEVEREIRO DE 1942

DE REGRESSO DO HISTÓRICO ENCONTRO DE SEVILHA, o dr. Oliveira Salazar chega a Lisboa, acompanhado pelo embaixador espanhol em Portugal, D. Nicolau Franco.

A ASSINATURA DO PACTO BALCÂNICO EM LONDRES — Da esquerda para a direita (sentados): Eden: Nintchitch (ministro dos Estrangeiros iugoslavo); Yovanovitch (primeiro ministro iugoslavo); Tsouderos (primeiro ministro da Grécia); e Simopoulous (ministro dos Estrangeiros grego).

BARCO MERCANTE destruído pelos bombardeiros inglêses no pôrto de Tripoli.

«TANKS» DO CANADÁ em trânsito nas linhas norte-americanas para a Rússia.

A EUROPA E O HOMEM

por A. de Sousa Gomes

Se para construir o corpo humano, diz algures Noël Fissenger, tivesse sido necessário consultar um engenheiro, êste teria feito agrupar serviços, tê-los-ia compartimentado, classificado e colocado sob uma ordem bem determinada.

Esta lei, tão simples, do agrupamento funcional, que inspira tudo o que pode elaborar o espírito humano, «não é respeitada pela natureza», que «a despreza com constância», como se fôsse melhor dispersar esforços do que concentrá-los.

Esta coordenação na aparente desordem, que é sobretudo notável em certos sectores da medicina interna, necessita hoje ser recordada perante a complexidade dos problemas internacionais, pois há quem esqueça, que também entre as nações, como entre os órgãos do corpo humano, há outras relações, que não são unicamente as anatómicas ou melhor dizendo as geográficas.

O que se passa com a «velha» Europa é um pouco o que se passa com o corpo humano; se se tivesse consultado um técnico, ou se se tivesse encarregado um grande homem de construir uma Europa, êste dar-lhe-ia uma feição geométrica, agrupando a um lado os países pequenos, a outro os grandes, e todos êles o mais uniformemente dispostos para que não houvesse confusões.

A natureza não procedeu assim; adoptou sistema idêntico ao adoptado para o corpo humano, e misturou tudo, nações grandes com nações pequenas, nações amigas com nações inimigas e marcou bem marcada a não uniformidade das pátrias ou melhor a sua acentuada diversidade.

Quando tudo parecia indicar que as relações, e afinidades geográficas, deviam influenciar, e orientar, as afinidades de espírito, verifica-se que é exactamente o contrário, o que sucede, pois há povos, espiritualmente ligados a povos distantes e absolutamente opostos, sob êsse ponto de vista, aos que lhe ficam perto.

E, assim como no corpo humano, há certos órgãos que são por assim dizer os que dão a nota central da orquestração fisiológica, assim na Europa há nações que têm o condão de ser o centro espiritual que estabelece ligações — por simpatia — muito para além das suas fronteiras e das de outros povos, vizinhos ou não.

Vemos assim nesta complexidade de nações, dos mais diferentes tamanhos e feitios, que há laços extra-anatómicos ou extra-geográficos, que unem, se não tôdas as nações entre si pelo menos algumas delas.

Ainda há poucos dias ouvimos um oficial francês, recentemente fugido dum campo de prisioneiros, contar, de Londres, a impressão que lhe fêz o acolhimento caloroso que, em tôda a Polónia, lhe foi prestado quando fugia.

Dizia êle que, em tôdas as portas onde bateu, bastava saberem que era francês para o receberem de braços abertos e, embora o não esperasse, foi encontrar no espírito da gente polaca uma imagem da França a que chamava «le visage idéal de la France».

Achamos interessante esta referência à figura ideal da França porque também nos sucedeu, nas nossas leituras, têrmos encontrado num livro dum escritor polaco a melhor visão do problema francês e da missão da França na Europa.

O carinho com que a França é recordada em vários países, apesar do desastre, tem impressionado muita gente e, ainda há pouco, vimos, numa revista francesa, referência ao facto de muitos franceses terem sido reconfortados no seu patriotismo ao verem a maneira como na Suíça amavam a França e como se interessavam pelos franceses, que para ali tinham ido.

Todos nós conhecemos um ou outro francês que por Portugal tenha passado e que as mesmas impressões tenha colhido, e todos nós temos a convicção de que poucos países terão, como a França, capacidade para se fazer estimar, mesmo quando estão em posição difícil.

Parece-nos que o exemplo da França é um dos mais demonstrativos das uniões supra-geográficas, ou espirituais, entre as nações e isto é de tal maneira verdadeiro, que o facto de se estimar e amar a França não quere dizer, que se simpatize com todos os franceses.

A simpatia por aquêle país não é a soma da simpatia pelos franceses, é uma conseqüência das características da alma daquela nação e da sua tendência nata para uma larga compreensão dos problemas humanos.

Não se pode evidentemente prever até que ponto a França readquirirá no futuro a sua posição de país que, como diria o Conde Gonzaga de Reynold «melhor compreende o homem» pois ainda é cêdo para se calcular as resultantes da pressão psicológica a que está submetida a alma francesa. O que se pode desde já afirmar é que desta convulsão a que estamos assistindo há de sair mais acentuada a diversidade das pátrias; a tendência para uma Europa arrumada pela mão do homem e compartimentada à sua vontade não poderá prevalecer durante muito tempo. Essa diversidade das pátrias é uma conseqüência duma lei da natureza; é uma das leis de que Deus se serve para governar o mundo.

O facto, porém, de se dizer que a diversidade das Pátrias se acentuará não quer dizer, que seja natural viverem totalmente isoladas umas das outras.

Já houve quem entre nós apregoasse a necessidade de vivermos «solitários» e indiferentes à sorte dos outros.

Êsse egoïsmó é também anti-natural; isso equivale a desejar que no corpo humano não houvesse interdependência de funções.

Pode haver mais afinidade, e há, entre tais e tais países do que entre êstes e aquêles; o que não pode haver é indiferença total; é impossível viver solitário porque as parcelas nunca são independentes do todo.

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.° — Lisboa — Tel. 25844
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.° — Telefone 26942.
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Regressou a Inglaterra o embaixador de PORTUGAL em Londres

O EMBAIXADOR ARMINDO MONTEIRO E A SR.ª EMBAIXATRIZ durante a sua recente passagem por Lisboa. (Foto feita para «Vida Mundial Ilustrada» por J. Garcia)

A batalha de MOSCOVO acontecimento decisivo e definitivo de mudança de situação?

pelo tenente coronel LÉLIO PORTELA

DESDE a mais remota antiguidade que os homens lutam para melhorar a sua situação.

Agrupados em povos, combateram uns contra os outros afim de conquistarem territórios e riquezas.

A fôrça constituía, primitivamente, a base do «direito», criando o privilégio.

Os povos guerreiros e bem armados eram os povos privilegiados.

As regras de vida da comunidade humana estavam subordinadas à «lei da fôrça» a que muitos chamam «Direito Natural».

Êste «tal direito» ignora a inteligência, o espírito, a consciência e as outras faculdades morais que devem caracterizar e distinguir o sêr humano.

A religião deu à humanidade regras e leis baseadas na fôrça moral, e assim o homem se foi aperfeiçoando.

No ocidente o Cristianismo incutiu no homem o sentimento da fraternidade, do amor, do respeito pela liberdade do indivíduo, sua consciência e seus direitos, prègando a igualdade de todos perante Deus.

Reprovando o uso da fôrça como meio de satisfação própria, negando a existência do privilégio de raça ou de casta, lançou o Cristianismo os fundamentos da Justiça e da Solidariedade humana.

No Oriente, Confuncios estabeleceu regras morais que levaram a China a um elevado grau de civilização, e que ainda hoje constituem o fundo da vida china e japonesa.

Parece que Confuncios foi buscar à India o fundamento da sua doutrina, que é mais uma filosofia do que uma religião, como muitos indevidamente julgam.

Êsse tal «direito natural», tende a desenvolver no homem os seus instintos animais em prejuízo do sentimento, da alma e da moral.

Aqueles que ainda hoje preconizam tal direito esquecem que a sua aplicação constitue a negação da própria civilização e o retrocesso à «barbaria».

Civilização significa, antes de tudo, aperfeiçoamento moral da humanidade.

Nos tempos da «barbaria», os povos eram obrigados a organizarem-se solidàriamente na defesa das suas vidas e riquezas próprias, contra os ataques e as invasões dos mais fortes.

A história mostra-nos que os grandes campos de batalha se encontram precisamente nas regiões mais férteis.

A riqueza do solo despertou sempre a cobiça alheia.

Eis porque os vales do Danubio e do Nilo, e as ricas províncias da França e da Ucrania foram, na história, os teatros das mais sangrentas batalhas.

a) Métodos de defesa

Os «scythas», que habitaram a Ucrânia e o vale do Volga, tinham os seus métodos próprios de defesa.

Êstes consistiam essencialmente em deixar penetrar profundamente o inimigo nos seus territórios, destruir e desvastar tôdas as regiões abandonadas, incendiando tudo.

Desta forma tiravam as hostes invasoras tanto os meios de vida para poderem permanecer no território, como as riquezas para serem roubadas.

Associaram-se, muitas vezes, com os seus irmãos, os «parthas», que passaram à história como os mais terríveis guerreiros da retirada.

Passavam quási tôda a vida a cavalo, sendo afamados cavaleiros e admiráveis atiradores ao arco.

A sua táctica consistia em carregar, e fugir em seguida.

Era durante a fugida que os «parthas» lançavam as suas flechas ou setas certeiras e mortais, acabando por dizimar o inimigo, ou desgastá-lo, como é uso dizer-se agora.

Assim a história considera que a fuga era o verdadeiro elemento do combate partha.

Ainda hoje se costuma dizer de alguém que, no momento da despedida, larga uma ironia cruel ou sarcasmo mordente, que lançou uma «seta de partha».

O cossaco, descendente directo dêstes povos, e o russo, conservam ainda o mesmo espírito atávico.

Quando Napoleão, em Moscovo, assistia impotente ao incêndio da cidade, não pôde deixar de exclamar: «São os scythas! Bárbaros!».

As devastações a que assistiu durante a sua campanha até Moscovo, haviam-lhe confirmado as características atávicas da raça.

b) Defesa total

Se considerarmos a campanha actual da Rússia, devemos também verificar a sobrevivência daquele mesmo espírito.

O scytha de então, como o russo de agora, praticava as regras duma «defesa total».

E como a guerra moderna é uma guerra «total»; e as ofensivas realizadas pela Wehrmacht têm sido «ofensivas totais», quer dizer: empregando a totalidade dos meios na destruição do inimigo (das suas fôrças armadas, dos seus centros populacionais, afim de atingir o moral do habitante, dos centros produtores, das suas vias de comunicação, etc.), só a aplicação de uma «defensiva total» poderia contrabater os método adoptado por êste sistema defensivo.

O tubo lança-chamas automático

A retirada russa foi caracterizada por esta ideia de «defensiva total».

Agressividade constante do contra-ataque, fustigamento ininterrupto do inimigo e das suas rectaguardas, devastação geral da propriedade, dos centros produtores, das vias de comunicação, incêndio e destruição das localidades e casas de habitação, emigração em massa de cêrca de 30 milhões de almas, eis os factores principais dêste **método defensivo total.**

Os retornos ofensivos dos engenhos blindados, os franco atiradores embuscados nas árvores e nos telhados, ou nas casas, as guerrilhas organizadas e os «Stormwitz», nos seus vôos mergulhantes, vieram substituir as setas dos parthas.

Mas a alma do scytha e do partha revelou-se mais uma vez na história.

Qual seria o povo da Europa, ou da América, capaz de proceder friamente à aplicação rigorosa dêstes métodos?

Resta agora saber se o russo moderno teria também procedido a tôdas estas operações obedecendo à mesma táctica dos seus antepassados.

c) Táctica scytha e de 1812

Os scythas usavam fugir, em pequenos bandos, perante o invasor que se apresentava mais fortemente armado e superior em número e organização.

Durante a fuga, ia dizimando pouco a pouco os efectivos das hostes adversas, atraindo-os para regiões ou locais onde outros bandos, escondidos em geral nas florestas, se lhes juntavam cercando o inimigo, que acabavam por aniquilar, dada a grande superioridade numérica conseguida na fase final da luta.

O adversário deixava-se arrastar pela convicção que tinha de marchar de vitória sôbre vitória.

A vitória consistia, então, em ocupar e ficar senhor do terreno da luta, após o combate.

O scytha fugia. Tinha, portanto, sido derrotado.

Com o aniquilamento do invasor, o scytha voltava de novo a reocupar os territórios abandonados.

d) Campanha Napoleónica

Em 1812, o russo teve uma táctica semelhante.

Foi dizimando as fôrças de Napoleão e seus aliados, durante a retirada sôbre Moscovo; em seguida fustigou-lhe as suas vias de comunicação.

Os efectivos napoleónicos foram-se derretendo progressivamente durante o mês de permanência em Moscovo. Durante a marcha de retirada de Moscovo até à fronteira, Kutosov foi fustigando os exércitos francês e aliados, numa marcha paralela de flanco.

Neste período de retirada, o «desgaste» das fôrças franco-aliadas foi catastrófico, para o que muito contribuiu o velho aliado: o general inverno.

Kutosov, recusou-se sempre a aceder ao desejo de muitos dos seus generais, e muito especialmente de Wilson, observador britânico, que insistiam para que fôsse lançado um ataque decisivo contra os restos desbaratados do exército napoleónico — a «ex-grande armée».

Kutosov nunca consentiu um empenhamento a fundo, nem em Taurutino, nem em Malo-Yaroslavetz, nem em Smolensko, nem mesmo no próprio Bérésina.

Dizia êle desejar lançar a Napoleão uma «ponte de ouro» para êste sair da Rússia.

Esta política da «pont d'or» malquistou-o com o Csar Alexandre, com uma grande parte dos seus generais e, sobretudo, com a Inglaterra, que viu perder-se a melhor ocasião de destruir totalmente a fôrça francesa comandada directamente por Napoleão.

O obstáculo formado pelos carris de caminho de ferro

Kutosov entendia que a sua missão, e a do exército russo, era expulsar o invasor do território nacional, o que pretendia realizar com o máximo de economia de vidas russas.

O Csar nunca lhe perdoou ter êle deixado perder para a Rússia a glória de bater definitivamente Napoleão.

Na opinião de Kutosov a guerra europeia de Napoleão contra a Inglaterra, Espanha e Portugal, não interessava à Rússia, e, contudo, um ano mais tarde, lá estava êle na Turingia e nos vales do Elster e do Elba a comandar as fôrças russas da coligação austro-russo-prussiana.

Nesta altura, decerto, devia ter reconsiderado, que mais económico teria sido bater Napoleão em 1812 do que ter ainda que verter muito mais sangue russo nos anos seguintes.

e) Táctica de 1941

Já vimos atrás que os métodos adoptados pelo russo actual durante o período de retirada, foram, em tudo, idênticos aos dos scythas e aos dos russos de 1812.

Carece agora saber se os métodos de expulsão se vão assemelhar ao scytha da antiguidade, ao russo de Pedro, o Grande, ou ao russo de Alexandre I.

O scytha atraía o adversário a regiões onde prèviamente tinha organizado a batalha decisiva a que se referia o aniquilamento e a expulsão; Pedro — o Grande — teve uma atitude semelhante: deixou enterrar os exércitos de Carlos XII, da Suécia, pela Ucrânia dentro; isolou-os, desbaratou-os na batalha defensiva de Poltova e em seguida expulsou-os; Kutosov — em 1812 lançou o «pont d'or».

Em 1941 o russo retirou até às portas de Moscovo, onde se deram as mais sangrentas batalhas desta guerra.

Teria sido a batalha de Moscovo uma batalha defensiva idêntica às anteriores, como as de Byalistok, do Pruth, da Ucrânia, do Dnieper e da linha Staline, etc., ou teria sido uma batalha especialmente preparada como fôra a dos scythas?

Seria Moscovo a tal batalha decisiva, como faltava, que havia de provocar a inversão da situação?

Pelas informações que já agora aparecem, tudo leva a crer que a batalha de Moscovo foi preparada com larga antecedência, e que as atitudes anteriores foram meras acções preparatórias dêste «acontecimento decisivo».

O plano da defesa de Moscovo, segundo a descrição feita pela revista alemã «Die Werhmacht»

DEFESA DE MOSCOVO

O serviço de propaganda alemão publica uma revista militar inspirada pelo alto comando das fôrças armadas, intitulada «Die Wehrmacht».

Esta revista, embora criada para fins de propaganda, representa um interêsse certo de leitura.

O seu ilustre director tem tido a gentileza de nos remeter regularmente esta publicação, pedindo-nos para dela darmos conhecimento aos nossos leitores.

Fazêmo-lo hoje, com prazer, procurando assim dar-lhe satisfação e retribuir-lhe a sua amabilidade, procurando, sobretudo, esclarecer o leitor.

Segundo a descrição feita pela «Die Wehrmacht», a defesa de Moscovo compreendia uma zona organizada defensivamente numa profundidade de 15 quilómetros.

Esta posição organizada, estendia-se numa extensão superior a 350 quilómetros, indo da região de Kalinine à de Tula.

Segundo outra informação, esta posição circundava completamente Moscovo, tinha uma profundidade de 15 a 30 quilómetros e encontrava-se a uma distância variando entre 65 a 120 quilómetros da capital.

Ela constituia a «posição principal» da «defesa exterior» de Moscovo; outras posições intermédias existiam, além desta, e da defesa próxima concentrada da capital.

Esta última era semelhante à de Leninegrado.

Esta posição exterior compreendia uma série de 7 linhas defensivas, assim distribuídas:

1.ª linha — **Zona de lança-chamas.** Esta zona estava semeada de lança-chamas enterrados deixando apenas de fora a bôca do tubo ejector.

Estes lança-chamas podiam funcionar automàticamente (por meio de célula foto-eléctrica) ou serem comandados à vontade por operadores abrigados à rectaguarda em fortes abrigos betonados.

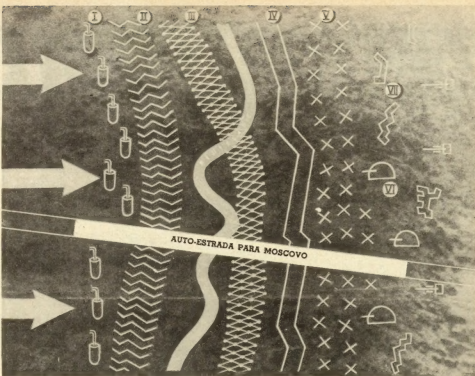
O comando era mecânico e eléctrico.

Quando o carro assaltante se aproximava à distância de impressionar a célula fotoeléctrica, esta estabelecia a corrente que accionava o lança-chamas, ou então o operador à rectaguarda fazia funcionar o comando respectivo. (Vide I).

2.ª linha — **De trincheiras anti-carros (campo de espargos).**

Era constituída por uma série de trincheiras em zigue-zague, paralelas entre si e dirigidas em profundidade, isto é: orientadas no sentido da marcha dos carros.

Desta forma os carros só podiam se-

guir em fila e no espaço compreendido entre as trincheiras (que naturalmente estava minado e era batido por fogos especialmente apertados).

O seu traçado em zigue-zague obriga o carro a mudar constantemente de direcção, a qual dificilmente pode ser achada pelo condutor, dada a pequena distância que separa as trincheiras entre si.

Quando o carro deslisa sôbre a trincheira e a segue longitudinalmente, os espeques ou vigas de que estas estão eriçadas actuam sôbre as lagartas, fazendo-as saltar dos rolamentos.

Desta forma, o carro fica imobilizado, tornando-se alvo fácil de atingir. O soldado alemão chamava-lhe campo de espargos. (Vide II).

3.ª linha — **Curso de água organizado.**

Esta linha compreendia, em geral, um curso de água.

O curso de água constitue, por si só, um obstáculo, mas uma organização defensiva de minas e barrotes e outras defesas acessórias completava o seu valor. Esta linha ocupava vários quilómetros de profundidade. (Vide III).

4.ª linha — **Fossos ratoeiras de carros.**

Constituída por uma série de dois ou mais fossos de muitos metros de largo e de profundidade.

Êstes fossos estavam abertos numa direcção paralela à frente, isto é, em direcção perpendicular à das trincheiras anti-carros, e eram, em geral, recobertos com uma rêde de camoflagem, funcionando assim de ratoeira. (Vide IV).

Um aspecto dos fossos anticarros

5.ª linha — **De cavalos de frisa.**

Compreendia uma zona de grandes cruzes de carris de caminho de ferro, soldados a autogéneo, e ligados entre si por outros carris.

Êstes «Spanische Reiter», como lhe chamam os alemães (cavaleiros espanhóis, traduzido à letra), espalhavam-se por uma grande superfície de muitos quilómetros em profundidade, e eram entrelaçados por arame farpado. (Vide V).

6.ª linha — **De fortins.**

Atrás dêstes fossos estendia-se uma zona de pequenos fortins, ou «bockhaus», abrigando peças anti-carros de calibre variável e metralhadoras. (Vide VI).

7.ª linha — **Posição de artilharia e tropas.**

Os fortins eram a última linha de cobertura das tropas; na sua rectaguarda estendiam-se, então, uma série de trincheiras de campanha, para pequenos postos de infantaria que cobriam as posições de artilharia instaladas em abrigos de campanha. (Vide VII).

CONCLUSÃO

Como se está longe da organização defensiva preconizada pelo nosso regulamento!

O camarada que me ler verificará que a 7.ª linha defensiva é que corresponde sensivelmente à nossa «posição de resistência».

De facto, nesta organização, também ela constitue a verdadeira posição de resistência, mas antes de a abordar quantos obstáculos activos e passivos não foram criados!

Deve contudo esclarecer-se que a distribuição das fôrças de infantaria difere da nossa concepção.

Enquanto nós colocamos a massa principal (pelo menos 2/3) da infantaria a cobrir a artilharia, na defesa de Moscovo esta massa encontra-se à rectaguarda, como reserva destinada aos contra-ataques.

A defensiva russa é essencialmente dinâmica, e o contra-ataque é a sua arena principal.

Pelo exposto se verifica:

1.º — Que êste trabalho de centenas de quilómetros duma posição contínua de 15 a 30 quilómetros de profundidade levou muitos meses a fazer.

2.º — Que o início da sua construção deve datar, pelo menos, da época da batalha das fronteiras.

3.º — Que foi previsto, pelo comando russo, o recuo até esta zona.

4.º — Que a missão das fôrças da frente consistiu em retardar o avanço inimigo até que esta posição estivesse devidamente instalada.

5.º — Que a região de Moscovo foi considerada como fase estratégica para as futuras operações.

6.º — Que devia ser intenção do alto comando russo travar a batalha de Moscovo no momento mais favorável — o inverno.

7.º — Que esta data fixava o prazo marcado para a acção retardadora das fôrças da frente.

8.º — Que a deslocação de 1.500.000 homens da Sibéria para Moscovo leva meses.

9.º — Que foi o exército siberiano de Blucher, quem deu a fase final da batalha de Moscovo e quem lançou a contra-ofensiva.

Portanto, a batalha de Moscovo foi preconcebida; os exércitos alemães foram atraídos a ela; e na idéa russa deve constituir o seu «événément» definitivo — que decide da mudança de situação.

CALÇADA DA GLÓRIA

BILHETE DE IDENTIDADE

NOME — José Fernando de Sousa. Alcunha que êle próprio escolheu: «Nemo».

NATURALIDADE: Viana do Castelo sur Mer.

DATA DO NASCIMENTO: Alguns anos antes de Cristo, mas está fresco como uma alface.

PROFISSÃO: Ex-oficial do Exército, ex-engenheiro das Obras Públicas; actualmente é apenas jornalista, desporto que tem praticado desde criança.

ESTADO: Interessante (como o de todos os conselheiros).

NACIONALIDADE: País do Fado.

RESIDÊNCIA: Cidade das guitarras, à esquina de dois Carvalhos, Silva Carvalho e Saraiva de Carvalho (ruas).

IMPRESSÃO DO INDICADOR: Regular, ainda que bastante esborratada.

ALTURA: Assim, assim...

OLHOS: Castos e castanhos.

SINAIS PARTICULARES: Nariz autoritário. Bigode crente. «Voz» aguda. Alguma rabugice. Incontestável energia espiritual. Come com apetite. Tem uma paixão: o artigo de fundo. Teve uma doença grave: foi senador.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1942.

Pelo director do Arquivo

Digitalis

SINFONIA DE ABERTURA

Ao Carnaval sucedem as Cinzas. Em seguida ao Entrudo cristão vem a Quaresma. Depois da capa colorida de Arlequim, o burel escuro de São Francisco de Assis. A própria Colombina já não ri: numa vaga névoa melancólica abre um livro de orações — e reza. Em vez de serpentinas que se atiram, há violetas que se desfolham. Terminou a folia: vai começar a penitência. Após a vertigem em que burocràticamente se concedem à matéria os seus direitos, inicia-se oficialmente êsse período de meditação em que se procura resgatar as nossas culpas num devotado jejum. «Memento, homo, quia pulvis est et pulverem reverteris». Lembra-te, homem, que és pó e que em pó te hás de tornar. Aquela imagem de bioco negro, brandindo nas mãos uma foice, que surge, em quarta-feira, simbolizando a morte, não constitue apenas uma caricatura: é, na sua expressão burlesca, um tratado de filosofia. Meditemos sôbre êsse tratado — e jejuemos...

ANGELA PINTO

A grande Angela faltou uma vez a um ensaio, no *D. Amélia* onde estava contratada. O visconde, nessa noite, notou-lhe franzindo o nariz:

— Parece impossível, ó Angela! Vocês são tôdas o mesmo. Têm tôdas as mesmas fraquesas...

Resposta imediata de Angela Pinto:

— Isso de fraquesas, vírgula. Ainda agora jantei no *Leão de Ouro!*

O AZEITE DE SANTO ANTÓNIO

HAVIA um rico mercador no tempo de D. Manuel, chamado Cristóvão Lopes, que se arruïnou por causa de certa mulher. Êle que vivia na opulência passou a viver na miséria. Uma tarde chegou-se-lhe um frade e pediu-lhe um ceitil para o azeite de Santo António. Logo lhe respondeu desdenhosamente o mercador:

— Dizei a Santo António que se deite de dia, que é o que eu faço...

AS RAPARIGAS

NA aula dum liceu feminino no dia da visita do inspector.

— Levante-se a mais aplicada — exclamou êste:

Nenhuma das raparigas se levantou.

— Vejo com profunda alegria que nenhuma é vaidosa. Levante-se a mais bonita.

Tôdas as alunas se puseram de pé.

PEDRO BORDALO

PEDRO Bordalo Pinheiro que a morte levou recentemente na sua asa negra era, a par duma rara elegância espiritual, uma alma acolhedora e bondosa. Conta-se dêle esta anecdota que o define.

Um belo dia foi procurado por um rapaz de pouco mais de vinte anos que desejava ingressar no jornalismo. Experimentara várias profissões. Em tôdas falhara. Tinham-lhe aconselhado esta em que tantos mediocres logram fazer carreira. Ou conseguia isto — ou morria de fome. Pedro Bordalo simpatizou com esta sinceridade, sorriu e preguntou:

— O senhor redige com facilidade?

— Confesso que não.

— Mas, ao menos, sabe ler e escrever?

— Com muita dificuldade.

E, quando o pretendente estava já convencido de que não conseguiria nada, Pedro Bordalo, exclamou:

— Tenho pena de si. Está admitido. Fica encarregado dos espaços em branco...

AMÉLIA-ROBLES

O primeiro nome de Robles Monteiro é êste: Felisberto. Mas, como tantas vezes sucede, a intimidade familiar simplificou êste nome para Berto. No dia em que pediu a mão de Amélia Rey Colaço, assevera-se que esta lhe disse, num grande sorriso côr de rosa:

— Agora, sim, és — Felis... berto!

JUNQUEIRO

O grande poeta dos *Simples* chegou uma noite a uma vélha hospedaria da Beira. Apresentaram-lhe, mal entrou, um livro onde devia escrever o seu nome, idade, profissão, etc. De repente, enquanto escrevia as indicações exigidas, uma pulga — o ser vivo que, depois da mulher, mais procura aproximar-se do homem — saltou e veio pousar, um momento, sôbre a página do livro. Imediatamente o poeta voltou-se para o hospedeiro e, cofiando as suas enormes barbas bíblicas, disse-lhe:

— Tenho andado por muita hospedaria má. Agora uma hospedaria em que as pulgas vêm esperar os hóspedes à entrada é uma hospedaria péssima. Prefiro ficar na rua.

E saiu.

ESTRANGEIROS

LEITAO de Barros contou-me ontem:

— Há dias uma senhora francesa, recem-chegada a Portugal, pediu que lhe mostrassem os *Jerónimos*. Claro: levaram-na a Belém. Mas, chegada ao monumento, logo começou a barafustar: — «*Pardon... Eu querria vêr érra o Jerónimo Marrtin et File, onde se comprram choses pour manger...*»

A ETERNA CANÇÃO

HAVIA, noutros tempos, no caminho de Mafra para Tôrres um estalajadeiro que, era raro o dia, não batia desalmadamente na mulher. Quando o advertiam por isso era certo que o nosso homem arranjava uma cara de misericórdia e respondia:

— Eu não bato — Deus me livre disso — na minha querida mulher; em quem eu bato é na desalmada filha da minha sogra...

JOSÉ LOUREIRO E OS GALOS

TALVEZ não saibam que o empresário José Loureiro tem a mania dos galos. Os galos são a sua *mascotte*. Entretanto nem sempre para êle o teatro tem sido — canja...

O DIZER DO FRADE

QUANDO Filipe II de Espanha veio, pela primeira vez, a Portugal, dizia um frade bernardo:

— A cadeia do relógio de El-Rei pesa duas arrobas!

— E como pode êle com tão grande pêso — preguntaram-lhe.

— Pode, porque a cadeia é ôca.

OS «VENCIDOS-DA-VIDA»

FRANCISCO de Oliveira Martins, espírito brilhante e herdeiro dum nome ilustre, evocou uma noite destas, na *Sociedade de Geografia*, o célebre grupo dos *Vencidos-da-Vida*. Entre outras coisas ficou-se sabendo que o Rei D. Carlos a si próprio se denominava, por analogia com o grupo célebre — *Vencido-da-vida* sobresselente...

LIVROS DE MEMÓRIAS

SAIU o anunciado livro de memórias de Carlos Leal. Chama-se *Agua-forte*. Outros volumes do mesmo género se anunciam com os seguintes títulos:

Palmira Bastos — *Agua de rosas.*
Aura Abranches — *Agua de Flor de laranja.*
Maria Matos — *Agua de Luso.*
Berta de Bivar — *Agua-morna.*
Erico Braga — *Agua de Colónia.*
Amarante — *Agua-pé.*
Alegrim — *Aguardente.*

Luís d'Oliveira Guimarães

A acção diplomática e militar do Reich

EM CIMA, à direita: As personalidades militares que tomaram parte no acto da assinatura do acôrdo entre a Alemanha, a Itália e o Japão sôbre a condução da guerra contra as potências inimigas comuns. À esquerda (sentado), o tenente-general Marras. Em pé, o marechal de campo Keitel. À direita (sentado), o vice-almirante Nomura. EM BAIXO, à esquerda: Pequenos navios da Marinha de guerra alemã que patrulham o Skagerrak; à direita: Uma das peças de longo alcance da artelharia de costa da Marinha alemã que defendem todo o litoral contra a aproximação de fôrças inimigas.

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano Max Felton

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

(Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO IX

UMA RÉSTEA DE LUZ?

A despeito de muito fatigado, Charles Read ainda reuniu fôrças para se fazer conduzir ao escritório onde passara os anos mais sombrios da sua vida, e apresentar-se a «mister» Jack Stone, o seu antigo patrão.

Aquela visita trazia-lhe à mente um mundo de recordações, algumas bem desagradáveis, sobretudo a da suspeita que durante alguns tempos pesara sôbre a sua honorabilidade, até que êle conseguira descobrir quem era o verdadeiro ladrão. Por entre essas evocações sombrias, uma havia, porém, que lhe era grata—a da sua antiga companheira de trabalho, «miss» Dorothy, que sempre lhe dispensara um grande carinho, mesmo quando Stone e todos os outros empregados o consideravam uma autêntica nulidade.

Era com ela, com a doce «miss» Dorothy, que êle costumava desabafar, quando os desgostos mais o apoquentavam. Fizera dela a sua confidente. E Dorothy escutava-o com um carinho quási maternal.

A gentil dactilógrafa, muito hábil e diligente no trabalho fôra recomendada por John King a Jack Stone. Para êste, um pedido do grande industrial era uma ordem. E a jovem, que era de uma rara beleza, embora discreta, encontrara no patrão um disvelo e uma atenção quási paternais.

A expressão melancólica da linda rapariga, o seu olhar doce, puro, o seu sorriso triste, as suas maneiras suaves, cativaram Charles Read desde o primeiro dia em que a vira entrar, timidamente, na vasta sala onde trabalhava o pessoal do expediente, e tomar lugar à banca da máquina de escrever, que não ficava muito longe da sua.

Começaram, logo de início, a dar-se como bons amigos. Charles, junto dela, não sentia aquele acanhamento que costumava manietá-lo e amordaçá-lo, junto de uma jovem, principalmente se ela era bonita. Dir-se-ia conhecer Dorothy havia muitos anos e a primeira conversa que tiveram foi como que a continuação de uma conversa interrompida no dia anterior.

Não era ela, como a maioria das mulheres, exuberante de palavras nem inclinada à maledicência. Pelo contrário, parecia gostar mais de ouvir do que de falar e, na sua opinião, todos eram boas pessoas, dignas de aprêço.

Talvez devido ao seu feitio comedido e igualmente melancólico, Charles Read tornou-se logo, entre todos os seus companheiros de trabalho, o seu preferido. E esta preferência, notada pelos colegas, de princípio, deu ensejo a comentários e insinuações de namôro, que acabaram por se dissipar, porque, na verdade, entre ambos nunca houvera senão uma estima fraternal.

Charles Read admirava nela os sentimentos de ternura pela mãe, porque êle próprio também adorava a sua, recordando-a com nostalgia e conservando-se grato à sua memória pelo muito que se esforçara por que êle adquirisse alguma instrução.

Sôbre sua irmã Judy, mais vélha do que ela, é que Read sempre notara em Dorothy uma certa reserva. Constava no escritório que essa tal Judy, que êle nunca vira, era muito leviana, dando grandes desgostos à mãe, pela facilidade com que mudava de amores.

Charles Read pouco ou nada sabia da tal Judy, porque Dorothy fazia sôbre ela um silêncio triste, que êle sempre respeitou, condoído do desgôsto que a pobre rapariga devia sentir por ter uma irmã tão pouco respeitável. Lembrava-se de, quando Judy foi raptada (pelo menos era essa a versão que corria), Dorothy andar visivelmente nervosa e aflita. Foi por essa ocasião que lhe ouviu uma referência menos agradável à irmã. A dactilógrafa confessava recear mais que Judy tivesse sido vítima da sua própria loucura, do que de um rapto. Que interêsse podia haver em raptar uma jovem que não tinha família abastada capaz de pagar uma quantia avultada pelo seu resgate?

No entanto, Charles Read lembrava-se de John King, ou que parece vélho amigo daquela modesta família, ter pago de seu bôlso algumas investigações e de ter até oferecido uma importância tentadora pelo seu resgate. Mas tôdas as tentativas feitas para encontrar Judy resultaram inúteis, e no escritório era voz corrente de que ela não teria sido raptada; teria muito simplesmente fugido com algum amante para fora dos Estados Unidos. A própria polícia chegara a essa suposição, dados os antecedentes de leviandade que não fôra muito difícil apurar. O caso foi esquecendo, e então, as faculdades policiais ainda não se tinham manifestado em Charles Read para que dêle se lembrassem para descobrir o paradeiro da raptada ou fugitiva.

A própria Dorothy evitava referir-se a êsse triste acontecimento. Considerava sua irmã como morta e, embora a vida pouco correcta de Judy não lhe merecesse aprovação, guardava no seu íntimo um grande desgôsto pela pouca sorte da desaparecida.

Quem diria a Charles Read que estava reservado à prudente, comedida Dorothy destino tão semelhante ao da estouvada Judy? Ah!—pensava o «detective»—o motivo do desaparecimento de uma era muito diferente do da outra.

Aquela notícia deixara-o bastante surprêso e triste. Havia mais de um ano que não via Dorothy. Nunca mais voltara àquele escritório, cujo ambiente lhe era antipático. E, muito embora às vezes sentisse uma tentação de ir esperar a dactilógrafa à saída, só para ter o gôsto de a ver, nunca se atrevera. A sua timidez ainda não se dissipara totalmente, a-pesar-da vida mais desenvolta que levava. E receava que Dorothy pensasse que êle a procurava como qualquer namorado. Talvez não fôsse absolutamente desagradável à linda rapariga a perspectiva de um «flirt» bem intencionado. Read hesitava mesmo em qualificar o sentimento que ela guardava a seu respeito. Talvez ela o amasse. Êle, porém, não tinha a certeza, nem mesmo sentia coragem de interrogar o seu próprio coração.

Pela profunda impressão que a notícia do seu desaparecimento lhe causara é que Charles Read principiava a medir, ainda receoso de confessar a verdade a si mesmo, a imensidade do afecto que o ligava a Dorothy.

Recordava enternecidamente as palavras que lhe escutara, ali naquele escritório, onde regressava por motivo tão grave, após um ano de ausência. Dissera-lhe ela, ao despedir-se:—«Confio em si, Charles, e sigo-o em pensamento».

Aquelas palavras tinham, por certo, um significado mais lato do que nêsse momento lhe atribuíra. Êle vira apenas mais uma prova do habitual carinho com que sempre o tratara. Mas agora, que um acontecimento tão grave acabava de se produzir, encontrava-lhes uma significação mais profunda e mais grata à sua alma. Dorothy confiava nêle. Uma jovem só confia assim num homem quando o considera mais do que um irmão. E tinha a certeza, ia jurá-lo se preciso fôsse, que ela seguira de longe, em pensamento, todos os seus passos na nova carreira em que se lançara com tanto entusiasmo, e que exultava a cada triunfo que êle assinalava. Sentia vergonha de confessá-lo a si mesmo, mas estava convencido de que Dorothy o amava e acolheria com entusiasmo a ideia de tornar-se sua espôsa.

E era quando chegava a tão feliz conclusão que Dorothy talvez já não existisse naquele momento.

Charles Read apresentou-se bastante tarde no escritório de Stone, Brothers. O pessoal já tinha saído. Acolheu-o o contínuo com grandes manifestações de alegria por tornar a vê-lo naquela casa, onde parece que já não tinha amigos, pois nunca mais tivera lembrança de fazer-lhes uma visita.

O acolhimento amável do empregado desanuveara um pouco o espírito do «detective», que se sentiu muito assombrado ao verificar que o assaltava uma vaga nostalgia do tempo que ali vivera obscuro, ignorado dos jornais que publicavam agora o seu nome em caracteres bem negros e grados, a sonhar romànticamente viagens de recreio pela vélha Europa.

Ao passar, relanceou um olhar pela sala de expediente que se encontrava precisamente com a mesma disposição. Lá estava a secretária do chefe da secção, muito arrumada, com o tinteiro e as canetas muito alinhadas, a régua posta em simetria sôbre uma larga fôlha de mata-borrão, muito limpa. E além, comovidamente, reparou na sua banca, à qual passara longas horas de devaneio, ao lado da mesa pequena da dactilógrafa. Aqueles lugares vagos, o silêncio e a penumbra em que mergulhava a sala, irradiavam uma tristeza tão penetrante, que Charles teve que fazer um grande esfôrço para disfarçar a sua comoção.

Tirou-o de apuros a presença de «mister» Jack Stone, que viera ao seu encontro, sorridente, e de mão estendida. Que longe ia já o tempo da sua carranca severa de patrão! Estava ali, de igual para igual, ou mesmo de inferior para superior, o que de certo modo confrangia o «detective» e o fazia pensar bastante mal da mesquinha humanidade.

—Entre, entre, seu ingrato!—dizia-lhe Stone, batendo-lhe no ombro palmadinhas de censura amável.—Nunca mais se lembrou dos amigos que deixou

(Continua na pág. 19)

—Já encontrou alguma pista?

NA GUERRA, NEM SEMPRE DOMINA A CRUELDADE. O homem põe, às vezes, t éguas ao seu desvairado destino. E sofre perante a desgraça alheia, abandonando ódios. Éste é o caso que a impressionante foto reproduzida nesta página nos d cumenta. Um tripulante dum barco mercante torpedeado debateu-se nas vagas até que as fôrças lhe faltaram. Coberto o corpo de óleo, enegrecido, imobilizad ., foi salvo por marinheiros italianos quando a vida principiava a extinguir-se.

O MUNDO á espera

por Francisco Velloso

PERMANECEMOS na zona cinzenta dos acontecimentos. Factos dispersos, como écos que não indiciam donde vem o som. Sinais e sintomas de tempestades. Nas rectaguardas uma inquietude e ressacas dos povos espesinhados, que se avolumam. Nas altas esferas da governação dos Estados, a convicção de que já não é possivel prolongar a guerra por indecisões ou acções laterais. O desgaste das economias nacionais dos países beligerantes aprofunda se numa erosão assustadora. O bloco económico pan-americano consolida-se praticando mais do que nunca a doutrina de Monroe de que as riquezas e os recursos mobilizáveis da América são para a América. À medida que o bloqueio se amplia e estreita contra os países do *Eixo* a situação em *sandwich* dos raros povos que a guerra não arrastou, ressente-se dos efeitos da rarefação de produtos e matérias-primas. O comércio internacional, salvo nas linhas de abastecimento dos Aliados, tende para a estagnação. Os sucessos militares futuros e imediatos visam a procurar solução e brechas respiratórias a uma situação que oprime e sufoca.

OS DIAS DE SINGAPURA

PERCIVAL

Neste apanhado ou resumo de circunstâncias retroou a entrada por assalto, das divisões japonêsas do general Yamashita em Singapura na manhã de 11. Nesse mesmo dia, de Nova York informavam que ao general Perciva1 faltou sobretudo aviação. A batalha prosseguia, mas, a despeito da parte oriental da ilha ser a mais fortificada, reputava-se impossível conseguiu expelir dela os invasores, previsão que aliás não excede a do *Times* há quinze dias e a de Churchill ao prevenir a Câmara dos Comuns de que más novas ainda mais haveriam de chegar do Oriente.

A agência francesa, de Saigão, explica os designios nipónicos da forma seguinte: «As esferas militares são de opinião que, depois da queda de Singapura, o esfôrço nipónico se concentrará sôbre Rangoon e sôbre a estrada da Birmânia, para serem cortadas à China as comunicações com os países aliados. Por outro lado, a queda de Singapura facilitará o ataque às Índias Holandesas e, eventualmente, à Austrália».

O plano de Tóquio é, portanto, conduzido a desfazer o núcleo principal do bloqueio dos Aliados no Pacífico. O ataque a Singapura, conjugado à ocupação de Bornéo, abre o assalto ao bloco holandês da Malásia, a cujo govêrno em Batávia o govêrno japonês, por isso mesmo, ofereceu a paz separada, em troca dos abastecimentos de combustíveis líquidos, de certo como manobra para evitar as sérias destruïções que sistemàticamente estão sendo feitas dos jazigos petrolíferos, antes dos assaltos e desembarques ao arquipélago, porque é êste um dos processos mais usados pelo Japão...

De Melbourne diziam que a queda de Singapura não representa a decisão da batalha do Pacífico, mas é verdade que apenas pode manter-se êste ponto de vista se os Aliados puderem ainda resistir, contra a febricitação dos invasores, nos esparsos pontos de apoio que lhes restam, até que na Birmânia e na China se erga a grande frente da ofensiva a desencadear, sob a protecção dos fornecimentos da indústria de guerra norte-americana.

Há de contar-se, porém, com que o Japão, perante o inevitável e já averiguado gasto das suas reservas de combustíveis e as graves perdas da sua esquadra e da sua aviação, cuja falta há-de sentir dentro de meses, tudo intentará para que, contra o tempo, obtenha já o máximo de sólidas posições que lhe dêem ascendente imediato sôbre os seus inimigos e bases onde, mesmo isoladamente, lhes possa resistir no futuro desenvolvimento da guerra, quando fôr obrigado a defender o arquipélago metropolitano. Para isso tem dois reservatórios de primeira ordem: — o que lhe dá com crescente hostilidade à Inglaterra o almirante Decoux na Indo-China, tornada terreiro de serventia nipónica sob o mito da soberania francesa; e o que lhe fornece o Sião em tropas mobilizadas e produtos sob o comando único japonês.

O ataque à Birmânia aparece, pois, a seguir ao de Singapura (e assim o significa a ocupação de Martaban, após a passagem do rio Salwen) em primeira linha das necessidades mais instantes. Porque é na Birmânia e na China e no mar e ar do Pacífico que a batalha em última análise tem de ser ganha ou perdida e não em qualquer outro ponto.

UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO

CHAN KAI-CHEK

Ninguém pode duvidar de que os inglêses honraram as suas armas em Singapura como honraram em Dunquerque, em Creta e em Tobruk. E o pior que poderia suceder ao invasor, seria que um foco de resistência tão vigorosa como a de Mac-Artur nas Felipinas ali se constituísse. Com os restantes que pouco a pouco se aglomeram, nas ilhas e na Austrália — notam-se a chegada ao Domínio de vanguardas da esquadra americana a proteger combóios e tomar posições, os abastecimentos à Índia e à China a intensificarem-se da América e um afan de tôdas as horas e assás significativo em Hawai, donde o nipão já nem sequer se aproxima, *et pour cause* — formaria razoável vespeiro para devorar fôrças inimigas por meses e meses como lhes aconteceu e acontece infindàvelmente na China.

O êrro na apreciação dêstes acontecimentos do Oriente está tanto em acreditar-se em que a batalha já vai em meio ou a caminho do fim, quando, pela sua duração, começa a entrar na fase prevista há cêrca de um mês por Wavell, como em supôr se que os Aliados estão a dormir ou podem, devido ao retardamento dos Estados Unidos, fazer mais do que fazem e do que nas mesmas condições outros poderiam fazer, visto que, como opinou o Conselho do Pacífico, a situação não pode modificar-se em novo plano de defesa.

Quando a *Ofi* esfrega as mãos a prever, num telegrama supostamente datado de Londres (!), uma crise ministerial britânica a propósito de Singapura, vôa em espaços siderios, sem se recordar do último debate nos Comuns, e do acontecimento de extraordinário valor histórico que acaba de realizar-se no Oriente: — a visita de Chan-Kai-Chek à Índia e a Conferência de Delhi entre o generalíssimo, Wavell e o vice-rei, lord Linlithgow. O grande chefe da China revelou tratar-se de um esfôrço conjunto contra o agressor, pois «a extensão da guerra para o sul do Pacífico trouxe a invasão da Índia para o campo das realidades possíveis». A intervenção de Chan-Kai-Chek foi mesmo mais além das planificações. Demonstram-no-lo as suas Conferências com o chefe indú Jawaharlal Nehru, sucessor de Gandi, que pede a autonomia da Índia como Domínio para um esfôrço de guerra. Isto, porém, para quem conhece a política indú, não constitui senão, um aspecto lateral da questão. Nehru está longe de ter atrás de si a opinião geral. Mais, muito mais importante é que, no sulco da obra genial de Wavell, organizando lá a defesa, coordenando o labor industrial de guerra e levantando exércitos que, tal como na outra guerra, já mostraram o que valem, o espírito nacional da Índia vai ganhar diante do invasor uma coesão insuspeitada, ao que a Inglaterra se antecipa dando lugar a um representante do país no Conselho do Pacífico, definitivamente instalado em Londres, e não em Washington, e preparando uma nova estrutura constitucional. Com a China reerguida, a Índia formará àmanhã um bloco político que dominará todo o Oriente e diante do qual o Japão terá de sofrer condições de ordem industrial esmagadoras. Foi o que o partido militar de Tóquio não viu, por muito que os chefes do exército venham declarar à Câmara dos Representantes, copiando mal certos slogans ou divisas germânicas que o Oceano Indico vai ser o ponto de apoio do Eixo depois de a queda para êles infalível de Suez e de Gibraltar arrancar o Mediterrâneo ao tridente inglês. E soprando já baforadas de orgulho ditam que então «se verificará o desabamento do império britânico e o problema da invasão da Inglaterra deixará de ter qualquer interêsse». O excesso destas palavradas que audaciosamente subalternizam o génio militar alemão aos tenentes-generais de Tóquio, mostra assàsmente um delírio precipitado. As grandes fôrças do Oriente não estão em Tóquio. Estão na China e na Índia. Os velhos e sensatos políticos nipónicos têm razão: «os bons clientes não se fuzilam». É o contacto inglês com a nova China que garantirá a permanência da Europa no Extremo Oriente contra o xintoísmo selvagem do militarismo nipónico que não escutou as inteligentíssimas advertências dos maiores estadistas do seu país, na hora da aventura da Manchúria e da invasão dos portos chinêses, imaginando que as mercadorias se colocam à fôrça de baionetas.

«RES NON VERBA»

HART

O trabalho de coordenação dos Aliados prossegue à medida que cresce o perigo. Uma nova e importantíssima concentração de comandos acaba de verificar-se no Oriente. Wavell — assim o decidiu no dia 11 o Conselho do Pacífico — toma a condução integral da guerra em suas mãos, e com a demissão voluntária do almirante norte-americano Hart, que há-de andar prêsa à evolução dos acontecimentos dentro da América, o comando das esquadras aliadas passou para o almirante holandês Helfrich, desmontando se portanto o plano de nomeações que a Secretaria de Marinha anunciára no dia 8, segundo o qual eram divididos os comandos da defesa da Austrália e do Sudoeste do Pacífico.

Outro facto de coordenação é a criação do Ministério da Produção de Guerra, entregue a Lord Beaverbrook, com poderes latíssimos que abrangem não só os abastecimentos dos países aliados, a fixação da capacidade produtora das indústrias e a distribuïção de matérias primas, mas as próprias negociações e combinações com a produção norte-americana.

A par dêste novo alto-comando, aparece a representação dos Domínios no Gabinete de Guerra, já anunciada por Churchill aos Comuns nos primeiros dias dêste mês, com direitos de consulta e de dar opinião. Há apenas uma dife-

(Continua na pág. 12)

OS GRADUADOS DA «MOCIDADE PORTUGUESA» visitaram recentemente as instalações do grande Estádio Nacional, cujas obras se encontram já virtualmente concluídas na formosa região do Vale de Jamor. Em cima, os filiados da «M. P.» admirando, das tribunas, o majestoso campo atlético. À direita, uma volta pelas bancadas, vendo-se, ao fundo, um magnífico aspecto dos lugares do Estádio.

DOIS ASPECTOS DA CHEGADA A LISBOA DO SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR APÓS A SUA VIAGEM A SEVILHA e as suas entrevistas com o generalíssimo Franco e o ministro Serrano Suñer. As fotos, tiradas a bordo do barco em que atravessou o Tejo, mostra-nos o sr. Presidente do Conselho com os srs. D. Nicolau Franco e dr. Pedro Teotónio Pereira, respectivamente embaixador de Espanha em Lisboa e de Portugal em Madrid.

PANORAMA INTERNACIONAL

(continuação da pág. nove) por **FRANCISCO VELLOSO**

rença digna de nota: o Canadá e a África do Sul concordaram mas, confiantes, não desejam mandar representantes especiais ao Gabinete, onde aliás já se assentam os da Nova Zelândia e da Austrália, e o presidente desta, Curtin, pressentindo talvez os efeitos das sacudidas declarações de Churchill, acudiu a dar explicações do seu excesso verbal anterior, reafirmando haver unidade entre o povo da Austrália e da Grã Bretanha, afirmação oportuna quando Londres retoma a direcção das operações e relembra que até hoje 71,3 por cento das baixas, mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros são constituídos pelas tropas do Reino Unido, 18,2 por cento pelas tropas dos Domínios, 5,5 por cento pelo exército indiano (incluindo muitos oficiais e soldados do Reino Unido) e 5 por cento de tropas coloniais; e que mais dum têrço do total das tropas que lutaram na Grécia, em Creta e na Síria provinham do Reino Unido, e que mais de metade das fôrças que estão a tomar parte na campanha da Líbia são originárias do Reino Unido.

Êstes números devem também explicar *le coup raté* do protesto do *leader* irlandês De Valera contra o desembarque de contingentes norte americanos no Estado Livre da Irlanda do Norte, acto tão inconseqüente que dois dias antes era o próprio chefe da Irlanda que apelava para a preparação de um corpo de 250.000 homens confessando que a ilha «estava ameaçada cada vez mais de uma agressão», embora não reconhecesse ainda que nesse caso terá de ir bater à porta de Churchill.

São de acrescentar a êstes factos os que ocorrem na América. Sunmer Welles ao regressar do Rio não se escondeu para verberar as atitudes da Argentina e do Chile «que podem causar sérias dificuldades ao hemisfério inteiro» como portas falsas a ingerências alemãs e italianas. No entanto a conjunção das potências é evidente. O Uruguai transformou-se numa base inglêsa e americana de alto preço no Atlântico Sul às esquadras que escumam os mares, e esta galharda atitude, a vitória eleitoral de um liberal, Juan Rios, para a presidência chilena, e as conferências de Sousa Costa em Washington consolidando a união do Brasil aos Estados Unidos e a adesão de 19 repúblicas a uma unidade monetária durante a guerra, mostram como por tôda parte o bloco americano não é mero cartaz de um congresso que se dispersou...

NA PERIFERIA

TODT

Passam em tôrno dêstes acontecimentos mais notáveis, outros que, embora de menor valia, são de haver em linha de conta neste transe evolutivo da situação internacional.

À frente de todos, a preparação alemã para os prometidos golpes na primavera. Informações e rumores chegam acêrca dela, de todos os lados, e todos confluem a que Hitler tem por fito supremo liquidar o exército russo e a que a sua ofensiva visivelmente perturba todos os planos alemães e está a devorar generais como Reichenau e engenheiros criadores da altíssima estatura do dr. Todt que acaba de desaparecer também num desastre de aviação. Fôrças e fôrças estão sendo lançadas para a barragem de leste contra o ofensiva russa, em contra-ataques que se fundem na fornalha. Os mesmos informes relatam que o *Führer* ordena uma mobilização de todos e de tudo contra os russos dentro do país e fora dêle, aonde está buscando recursos de gente e alimentares, entre êstes os que mais forçaram agora os racionamentos italianos em produtos essenciais como a carne. O crítico militar do *Times* põe estas três hipóteses:

«Uma tal campanha poderia ser conduzida de três maneiras: ofensiva geral com o objectivo de pulverizar os exércitos russos—mas não há esperanças de destruir a produção militar russa, devido à retirada duma grande parte dela para outras áreas e à mobilidade e elasticidade do resto; uma ofensiva efectuada pelo flanco direito, talvez prolongada para influir a Turquia, com o objectivo de atingir o Cáucaso e dali desenvolver outra ofensiva contra os posições britânicas no levante; e defensiva estratégica na Rússia, conjugada com ofensiva táctica, usando os espaços russos e polacos como amortecedores para absorver os choques do exército russo.»

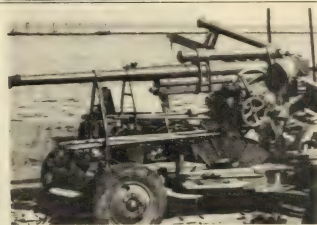
Propende no entanto, o mesmo crítico para a probabilidade da primeira e da segunda hipóteses.

Depois da campanha russa, a da Cirenaica também anuncia recrudescimentos. Aqui, porém, o caso mais actual foi a revelação (que aliás, pelo menos para nós, não o podia ser) de que Rommell recebeu reforços através da África do Norte francesa, especialmente pela Tunísia, sob o govêrno de Vichy. Berlim e Roma apressaram-se a desmentir. Mas Londres e Washington no dia 10 insistiam e já concretizavam a natureza dos abastecimentos: automóveis, camiões, trigo, vinho, azeite, e, é claro, o resto. Ao almirante Leahy foi mandado proceder a inquirições, acto que nos parece platónico porque é êle quem fica mal colocado no meio disto por insuficiência de acção. O Foreign Office protestou. Pétain que andava com sua espôsa por Espanha, teve de vir a Vichy. De Gaulle deve sorrir maliciosamente em Londres, recordando a parábola do peor cego que é aquele que não quere ver, e o dadivoso gesto com que o almirante Decoux entregou aos seus amigos japoneses os navios mercantes e de guerra franceses surtos nas águas territoriais e portos da Indochina, um dos quais, o «Almirante Joffre», fugiu a tempo com tropas que foram juntar-se, como gaulistas, aos soldados de Mac Arthur... As longanimidades continuam a pagar-se caras. A questão da Martínica, por exemplo, ainda não foi devidamente encarada pelos Estados Unidos. E a reorganização do exército francês sob a fiscalização alemã também não o foi por Londres. Uma informação de Washington no dia 5 sôbre as coisas do norte de África rezava assim:

«Êstes acontecimentos e o saber-se que há algum tempo se têm realizado conversações políticas entre a França, a Itália e a Espanha, forçam a um estudo profundo da posição da África do Norte francesa. Enquanto Weygand foi comandante-chefe, eram estritamente observadas as disposições que regulavam o contacto entre os franceses e os alemães. Mas isto já agora não se observa no mesmo grau. O acôrdo de trocas comerciais entre a América e o norte de África foi suspeito depois da demissão de Weygand, mas a semana passada dois navios franceses o «Ile de Re» e o «Aledebaran», carregados com produtos agrícolas e medicamentos, partiram de Casablanca para os Estados Unidos. Estas relações poderão muito em breve ser sujeitas a uma revisão.»

Foi nesta emergência que rebentou a explosão de Tânger, atribuida a um «atentado britânico» e evidentemente seguida de manifestações contra a Inglaterra. *Cosi va il mondo*. E as conversações entre Vichy e Madrid continuam, quando as sabotagens e atentados recomeçam em França, e na Noruega, e em Espanha se fala de uma restauração monárquica como solução à crise política interna, o que provocou da Falange, primeira vítima dela, a declaração de que o rei teria de ser quem ela quisesse e vir quando ela mandasse... Resta saber se estão todos de acôrdo. E talvez não estejam.

[illegible] 1942.

SOLDADOS DE LIGAÇÃO do exército romeno que opera no sector sul da frente oriental circulando sôbre planícies de neve.

MATERIAL DE GUERRA SOVIÉTICO capturado pelo exército romeno na reconquista do pôrto de Feodósia.

VARIEDADES

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 13

HORIZONTAIS: 1 — Julga. 2 — Cábula. 3 — A película que reveste as castanhas ainda verdes e tenras. 4 — Imbecil. 5 — Valor; Túnica. 6 — Epiderme; Ovário dos peixes. 7 — Chouriço; Fôsca. 8 — Inchar; Frio. 9 — Graúda; Fiada. 10 — Também; Planta labiada, espécie de genipi. 11 — Palerma. 12 — Pedante. 13 — Estacada. 14 - Berço.

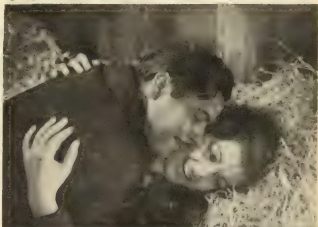
VERTICAIS: 1 — Ocasião; Género de árvores silvestres, leguminosas, de boa madeira para vários usos. 2 — Cabelo branco; Moeda de dez réis. 3 - Casa; Oh. 4 — Pessoa barriguda. 5 - Fechada. 6 — Planta leguminosa. 7 - Merenda. 8 — Tecido; Alimento. 9 - Estalajadeiro; Seis estrigas de linho. 10 — Naquele lugar; Nome de mulher. 11 — Pêco. 12 — Imprudente. 13 — Negro. 14 — Cont. de prep. e artigo.

Solução do problema n.º 12

HORIZONTAIS: 1 — Raças; Taças. 2 — Orate; Arame. 3 — Danar; Optar. 4 — Adir; Arda. 5 — Rol; Évo. 7 — Pés; Anã. 8 — Edax; Aros. 9 — Tinir; Alais. 10 — Atará; Raiva. 11 — Saras; Ossos.

VERTICAIS: 1 — Rodar; Pêtas. 2 — Arado; Edita. 3 — Canil; Sanar. 4 — Atar; Xira. 5 — Ser; Rãs. 7 — Tão; Aro. 8 — Arpa; Alas. 9 — Catre; Arais. 10 — Amado; Noivo. 11 — Serão; Assás.

LOBOS DA SERRA

UM NOVO FILME PORTUGUES

«Lôbos da Serra», o novo filme de Jorge Brum do Canto, o primeiro que a Tobis produz, após «João Ratão», estreia-se, na próxima segunda-feira, simultâneamente, nos cinemas Tivoli, de Lisboa, e São João Cine, do Pôrto. A categoria das salas que o apresentam; os cuidados que a Tobis pôs na produção; e o talento do realizador — garantem, só por si, a categoria artística e o valor espectacular do filme que vamos ver, na próxima semana. Justifica-se, dêste modo, a ansiedade do público, que aguarda «Lôbos da Serra» com uma curiosidade compreensível. A gravura mostra-nos Maria Domingas e António de Sousa, os protagonistas, numa cena de amor daquele filme.

Imagens pitorescas do MUNDO

UM BARCO ATRAVÉS DO QUAL SE PODE VER O MAR — Eis o modêlo duma nova e estranha embarcação, invento dum industrial americano. O barco é feito de lucite e, além de ser transparente, tem as seguintes vantagens: é muito leve, pode adquirir maior velocidade que os outros de madeira e é mais barato.

O AUTOMÓVEL E O BICHO — Estas duas fotos mostram-nos a extraordinária semelhança que existe entre um moderno automóvel de corrida e um hipopótamo — semelhança de aspecto exterior e à primeira vista, é claro... O carro pertence a Eyston, o campeão inglês que foi campeão do Mundo e chegou a ser o homem mais veloz sôbre a terra.

BOMBARDEAMENTO AÉREO? — Aqui está uma foto que engana. Não se trata dum bombardeamento, nem sequer duma dessas muitas cenas de guerra, agora tão vulgares nas páginas das revistas. É um aspecto dum extraordinário incêndio que destruiu uma fábrica americana.

GINÁSTICA NA CAMA... — Êste senhor, o prof. Harmon F. Rumzie, de Nova-York, descobriu esta coisa espantosa: que os colchões de arame eram magníficos para exercícios ginásticos. E demonstra-o na sua cama, como se prova pelo documento junto... Terá êste professor quaisquer interêsses nalguma fábrica de colchões?

O heroico defensor das Filipinas

O GENERAL DOUGLAS MAC ARTHUR, comandante-chefe das fôrças armadas americanas em operações nas ilhas Felipinas, que tem dirigido a mais violenta resistência até agora oposta às tropas japonesas em qualquer sector do Pacífico, mereceu do general Wavell, encarregado pelos aliados da defesa da região, os melhores elogios. Tem [illegible] anos e é, desde Julho de 1926, comandante das fôrças norte-americanas. Em 1935, foi, a pedido do Presidente Quezon, incumbido de reorganisar o exército felipino, ficando depois ali como comandante, a continuar a tradição de seu pai, o general Arthur Mac Arthur, herói de 1903.

a guerra Russo-japonesa de 1904-1905

por S. Schmulevitz

A escuridão cai célere sôbre S. Petersburgo, nêste frígido dia [illegible] de Fevereiro de 1904. Uma noite estrelada estende-se sôbre a capital da Santa Rússia. O Neva e os canais dormem debaixo do gêlo. Os flocos de neve caiem, triste e incessantemente, numa monotonia infinita, cobrindo a cidade com um manto branco, espêsso e lamacento. Da próxima catedral de S. Isaac, ressôam três badaladas. Os escassos transeúntes que a esta hora atravessam a perspectiva de Newsky, observam, com um pouco de estranheza, o Almirantado. As janelas frontais do majestoso edifício estão tôdas iluminadas a estas horas. Observando-se através delas, veem-se vultos obscuros que ora aparecem, ora desaparecem, funcionários e ordenanças que passam nos corredores num constante vai-vem. Sùbitamente, um oficial de marinha sai do portão principal, atravessa as ruas a correr, sobe os degraus do Palácio de Inverno, é introduzido nos aposentos do Czar. Faz a continência, estende um envelope branco ao Imperador, que se encontra rodeado por vários oficiais superiores, estudando atentamente vários mapas.

«Um despacho urgente do Almirantado para Vossa Majestade».

Nicolau recebe o envelope, e, enquanto a assistência detem a respiração, abre-o ràpidamente, lê, e a testa enruga-se. No profundo silêncio que reina, caiem como marteladas as palavras fatais do Imperador:

«Torpedeiros japoneses acometeram esta noite a nossa esquadra de Pôrto-Artur. Três dos nossos melhores couraçados foram sèriamente avariados, encontrando-se fora do combate».

A calma que prossegue por alguns momentos, é interrompida bruscamente por um dos oficiais, que declara visivelmente emocionado: «É a guerra!»

Efectivamente, era a guerra.

Embora já passessem três dias sôbre o rompimento das relações entre as duas potências, os russos foram colhidos completamente de surprêsa. Os japoneses, fartos de negociações intermináveis sôbre a preponderância no Extremo-Oriente e tendo como guarda-costas os seus aliados britânicos, haviam-se decidido a falar pela bôca do canhão.

No dia seguinte ao rompimento das hostilidades, são atacados e afundados em Chemulpo o cruzador russo «Variag» e a canhoneira «Koreitz». Ao mesmo tempo que se desenvolve a actividade naval, 150.000 japoneses, sob o comando de Kuroki, desembarcam na Coreia e ocupam êste reino sem a menor resistência, aproximando-se, em escaramuças sucessivas, da fronteira da Manchúria, constituida pelo Ialu.

Nas margens dêste rio, os japoneses desbaratam, pela primeira vez, os russos, em 1 de Maio. Esta vitória fornece aos nipões ensejo de dividirem as suas tropas em dois troços, o primeiro dos quais, composto por 280.000 homens sob o comando dos generais Kuroki, Nodzu e Nogi, toma por objectivo Niú-Chang, na Manchúria ,enquanto os 160.000 homens de Oku se dirigem para Pôrto-Artur.

Em 27 de Maio, as fortificações avançadas da importante base naval caiem nas mãos dos japoneses. Isto significa o início dum dos cêrcos mais sangrentos da história militar. O fim que os atacantes têm em mira é «engarrafar» a esquadra russa ali estacionada. E, ao que parece, a sorte não favorece a marinha do Czar. De regresso duma sortida infeliz, o couraçado «Petropavlovsk» com o almirante Makharov a bordo, embate numa mina e vai pelos ares, perecendo quási tôda a tripulação.

Mas, entretanto, a situação dos russos em terra também se agrava cada vez mais.

Em 15 de Junho, os moscovitas, sob o comando de Stakelberg, aceitam combate em Va-Fan-Gu, afim de aliviar a pressão sôbre Pôrto-Artur e evitar a junção dos exércitos de Kuroki e Oku. Às 4 horas da tarde, os russos principiam a retirada sôbre Seniútchen, que prosseque até ao dia 17.

Acto contínuo, Stakelberg trata de unir o seu exército ao grôsso das fôrças do generalíssimo Kuropatkine. No dia 20, está efectuado o recuo sôbre Kai-Ping. Sucessivamente, todo o norte da província de Liau-Tung é ocupado pelas tropas de Mutsuhito. Os russos efectuam movimentos de retirada em tôda a frente. Pôrto-Artur está cercada desde Dalny a Kin-Tchéo. Mas, Kuropatkine, em Mukden, sabe o que faz. Os seus efectivo são precários, e os reforços chegam com a velocidade dum caracol por uma acanhada linha férrea. Kuropatkine, retira, retiro sempre, eis a sua táctica nesta campanha. Só deixa aos nipões, para êles morderem, a sua retaguarda, nada mais. Êle não se arrisca. Espera, espera sempre ser o mais forte. Não é em vão que em todo o exército russo o comandante em chefe é conhecido pela alcunha do «General Paciência».

O Marquês de Togo, o primeiro grande almirante japonês, herói da guerra de 1904-1905 e vencedor da batalha de Tsushima.

Em 24 de Agôsto, finalmente, principia a batalha de Liao-Yang, o primeiro combate de grande envergadura, e um dos mais sangrentos de tôda a guerra. 150.000 russos defrontam 180.000 japoneses comandados pelo Marechal Oyama. Êste pretende infligir um golpe mortal. O seu intento é um duplo envolvimento das alas inimigas, afim-de lançar Kuropatkine para fora do caminho de ferro de Mukden; obrigando-o depois a refugiar-se em território chinês. A batalha prossegue durante vários dias com inaúdita violência. Os japoneses marcam alguns ganhos de terreno, mas na madrugada do dia 2 de Setembro, os russos tomam a ofensiva contra o exército de Kuroki. Já a vitória parece estar nas mãos dos russos, quando uma imponderada manobra do corpo de exército do general Orlov compromete tudo. Tomando uma iniciativa que não lhe é ordenada, êste general avança para a nova frente deparando ai com fôrças muito numerosas que o envolvem. Logra apenas, com o auxílio das tropas de Stackelberg, tirar a cabeça do laço. Mas a mudança imprevista de posições provoca a desorganização do exército russo. O caminho para o inimigo está desimpedido. É o general Orlov, antigo professor de táctica na Escola Superior de Guerra de S. Petersburgo, quem origina o malôgro dos planos de Kuropatkine. Êste manda evacuar Liao-Yang. Retira. Cêrca de 25.000 baixas custa a operação aos nipões. Mas «Kuropatkine prova que é um estratega habilíssimo, porque a arte de efectuar uma retirada, não é parte menos essencial da ciência militar, do que a arte de avançar» — comenta o correspondente do «Times».

O dia 10 de Agôsto marca uma data negra nos anais da marinha do Czar. Na madrugada dêsse dia, a esquadra de Pôrto-Artur tenta um raid com objectivo de forçar o bloqueio do almirante Togo. Os navios russos pretendem tomar o rumo de Vladivostok. Os japoneses observam atentamente as suas manobras. Deixam-nos, traqüilamente, sair da barra. No instante da saída, porém, 6 couraçados, 11 cruzadores e 30 torpedeiros japoneses precipitam-se, qual aves de rapina, sôbre a esquadra do almirante Vithoeft. Êste é ferido e cai durante o combate que se segue. O príncipe Ouchtomski que toma o comando da esquadra não está em condições de a chefiar. Concebe a infeliz idéia de ordenar o regresso ao pôrto, ao cair da noite. A façanha custa, além de vários cruzadores e torpedeiros, 4 couraçados aos russos. Como se vê, os torpedeiros japoneses executaram obra limpa... Para mais, é torpedeado na noite de 23 de Junho, o couraçado «Peresviet», no ancoradouro de Pôrto-Artur. Não, a sorte não lhes sorri, aos russos...

Em seguida a esta batalha, dá-se um incidente diplomático porque fôrças navais japonesas penetraram no pôrto de Ché-Fu, afundando um torpedeiro russo desarmado, que ali se havia refugiado ao abrigo da neutralidade chinesa. Os japoneses defendem-se com o argumento de que tôdas as acções militares, entre a Rússia e êles, se desenvolvem em território que pertence jurìdicamente à China, deduzindo-se daí a ineficácia da neutralidade daquêle país...

Durante tôdas estas operações, dolorosas para os moscovitas, é, talvez o esquadra de Vladivostok quem mais contribui para levantar o moral dos russos, abatido com as sucessivas vitórias nipónicas em terra. Consegue forçar repetidamente o bloqueio japonês e sair para o alto mar, logrando, em 15 de Junho, afundar três transportes inimigos, com 5.000 homens a bordo, a capturar ou meter a pique vários outros, até que o almirante Togo, resolve forçar os russos a um combate em forma, no estreito da Coreia... Mas, o almirante Berobrazov, reconhecendo, no momento decisivo, que enfrenta efectivos japoneses muito superiores ,sabe retirar-se hàbilmente, metendo ainda dois navios nipónicos no fundo.

Em 5 de Julho, o cruzador japonês «Kaimon» esbarra contra uma mina russa e afunda-se.

Depois, a situação transforma-se. Em 14 de Agôsto, os cruzadores «Rússia», «Gramoboi» e «Rurik», sob o comando do almirante Jessen, que haviam largado de Vladivostok para se juntar à esquadra de Pôrto-Artur, encontram uma esquadra nipónica, de 4 couraçados e 2 cruzadores ao largo de Coreia. Jessen em virtude da desproporção das fôrças, opta pela retirada. Kanimura, o adversário corta-lha. O «Rurik», imobilisado, atendendo a uma avaria no leme, é o primeiro a ser afundado. Os dois restantes vasos de guerra russos logram embora sèriamente danificados, voltar ao pôrto de abrigo. Mas os russos têm sofrido perdas irreparáveis: Tôda a sua frota consiste em 5 couraçados, 5 cruzadores e alguns navios de menor tonelagem, que enfrentam a superioridade esmagadora de 15 couraçados, 12 cruzadores, sem falar nos torpedeiros e navios auxiliares.

Entretanto, a situação em terra, piora para os russos. Os sitiantes apertam sistemàticamente o cinturão de ferro e fôgo em redor de Pôrto-Artur. Durante dois meses, a valente divisão do general Fock consegue deter a avalanche nipónica. De 25 de Julho a 14 de Agôsto, os amarelos assaltam, com redobrada violência, e perdem 10.000 homens. Em princípios do mesmo mês, o general Nogi manda oferecer ao general Stoessel, alma da resistência da praça, uma capitulação honrosa, que é rejeitada ,prosseguindo os combates com extremo violência e intensidade.

Com verdadeiro fanatismo e fatalismo oriental, os amarelos mordem cada palmo de terreno, defendido até à última pelos russos. Os combatentes deixam de obedecer às leis de humanidade (se é que na guerra se pode falar de tal) para se transformar em feras sangüinolentas que se esfolam recìprocamente. O cheiro de dezenas de milhares de cadáveres que se acumulam nas primeiras linhas, empesta a atmosfera da cidade duma tal maneira que os habitantes são obrigados a tapar as narinas constantemente com uma rôlha de cânfora.

Na alvorada de 19 de Setembro, as tropas do Mikado voltam novamente à carga. A artilharia desempenha um papel preponderante neste morticínio, que se prolonga durante três meses com incessante furor, acabando com a queda de novas posições de defesa nas mãos de Nogi.

A situação de Kuropatkine na Manchúria é tudo mais do que rósea. Em 10 de Outubro, trava-se a segunda batalha de Liao-Yang, estando empenhados nela 120.000 russos contra 230.000 japoneses. Passam 3 dias em que os japoneses deixam a iniciativa a Kuropatkine. Depois, êles lançam as suas reservas para o combate, que é resolvido esmagadora contra os russos fatigados, que retiram em desordem para posições ao sul de Mukden, onde o generalíssimo russo estabelece o seu quartel-general. Depois da segunda derrota em Liao-Yang, o Czar cria um segundo exército da Manchúria, pôsto sob o comando de Gripenberg, que é mais tarde colocado sob a superintendência de Kuropatkine, quando êste, depois da demissão do almirante Alexeiev, é instituido na vice-regência da Manchúria. O general Linievitch é arvorado em chefe do 1.° exército e o general Kaulbars do 3.°.

Em 4 de Outubro, os contendedores encontram-se em Chao-Ho, numa batalha que finda após duas semanas, com a vitória japonesa, alcançada à custa de 20.000 baixas. As perdas russas são avaliadas em um quarto de todos os efectivos de Kuropatkine. Os nipões progridem lenta mas seguramente, embora à custa de enormes sacrifícios e cansaços.

Voltemos por um instante às operações no mar.

A 14 de Outubro, por ordem do Imperador, saiem de Libau, na Letónia, 7 couraçados, 9 cruzadores e uma dúzia de torpedeiros e contratorpedeiros, afim de reforçar a esquadra do Extremo Oriente. Era um esfôrço colossal feito pela Rússia, enviar um tal potencial, em tão

Gráficos explicativos das principais fases da batalha naval do estreito de Tsushima, entre as esquadras japonesa e russa, depois desta ter feito a grande viagem do Báltico ao Pacífico, contornando a África.

longo trajecto, podendo-se apenas abastecer no alto mar. Na noite de 21 para 22 de Outubro, esta esquadra topa, no Mar do Norte, perto do Dogger-Bank, com uma flotilha de pequenos barcos de pesca inglêses. Obsecados com a mania duma agressão japonesa, vendo por tôda a parte minas flutuantes, que poderiam ter sido lançadas por tais barcos, eventualmente ao sôldo dos agentes nipónicos em Estocolmo, o almirante Rodjestvensky, comandante da esquadra, dá ordem aos barquitos de pesca para se afastarem do seu rumo. Êstes continuam, no entanto, na sua faina pacífica, até que os russos disparam contra êles, receando que as pequenas escunas, vagamente visíveis no meio da neblina nocturna, manifestassem intenções hostís. Dois pescadores são mortos e uma embarcação afundada.

Chegada a notícia da agressão à Inglaterra, logo tôda a imprensa e opinião pública se sublevam indignadas, exigindo reparações. Nicolau II envia ao Rei da Inglaterra condolências. Mas os ingleses querem mais que pêsames platónicos. Ameaçam, invocam a sua aliança com o Japão, para obter satisfações. Finalmente, ambos os govêrnos acedem confiar a resolução do pleito a uma comissão internacional de inquérito. Esta comissão em que estão representadas a Rússia, a Inglaterra, a França, a Austria-Hungria e a América, efectua a sua primeira sessão em Paris, a 19 de Janeiro de 1905. Apreciada a sua conclusão pelos governos em questão, a Rússia teve de pagar à Grã-Bretanha uma indemnização de 65.000 libras, por um pequeno barco de pesca e a vida de dois pescadores. Mas os russos não refilaram. Antes pagar do que ver a Inglaterra envolvida no conflito contra êles!

No entanto, a esquadra de Rodjestvensky, que havia navegado separada em várias divisões, fêz a sua junção ao largo da costa da Indochina francesa, em 10 de Maio de 1905. Tivera uma rota ingrata. Visto ser beligerante, apenas a França, sua aliada, lhe permitiu abastecer-se nos seus portos, durante a passagem ao longo da costa atlântica e do Índico — pelo que o Japão levantou depois infrutíferos protestos em Paris. Durante a passagem ao longo da costa de Angola, a frota de Rodjestvensky mostra tenções de lançar ferro durante algum tempo, na Baía dos Tigres. Uma única pequena unidade portuguesa, a canhoneira «Limpopo» comandada pelo 1.° tenente Silva Nogueira se encontra aí. Êste vai a bordo do «Souvaroff», navio-almirante russo, e intima Rodjestvensky a abandonar a baía. E a grande esquadra moscovita, que fàcilmente podia reduzir a insignificante canhoneira, respeita a neutralidade portuguesa e sai das águas de Angola.

O almirante russo pretende atingir Vladivostok, tentando iludir a vigilância de Togo. Mas êste, não se deixa mistificar. Aguarda o inimigo no Estreito de Tsu-Shima e colhe-o de surprêsa, em 27 de Maio. A batalha é dramática. Ambos sabem o que está em jôgo. O almirante Togo manda desfraldar o seguinte sinal aos seus marinheiros: «O destino do Império depende desta batalha. Espero que cada um faça o que lhe fôr possível!» A esquadra russa fica liqüidada. É um desastre completo! De trinta e um navios de tôdas as categorias, apenas 3 escapam; 2 almirantes, entre êles Rodjestvensky, são aprisionados; 1 almirante morre durante o combate. Nas tripulações, há 6.000 mortos e 6.000 prisioneiros. Só 2.000 conseguem salvar-se. Do lado dos japoneses, há perdas mínimas: 4 cruzadores e 3 torpedeiros a pique, 120 mortos.

A bandeira do disco vermelho sôbre fundo branco — continua dominando o mar.

Enquanto isto se passava, também o cheque dos russos em terra se acentuava. As operações continuam durante o inverno ,que é suave. Em Pôrto-Artur, não há pedra assente sôbre pedra. Os japoneses multiplicam as suas investidas.

Stoessel, Fock e Kondratenko defendem a praça heròicamente, mas os defensores, famintos e cansados, não podem resistir por muito tempo, ao ímpeto dos amarelos. Na passagem do ano, Stoessel manda propôr a rendição a Nogi. Durante onze meses, a praça havia-se defendido com indiscritível coragem. Estipulam-se as condições da capitulação e é o fim. Em 13 de Janeiro, os japoneses entram na base tão encarniçadamente disputada. Stoessel, tendo dado a sua palavra de não tornar a combater nesta guerra, embarca para Odessa, onde é muito vitoriado e ovacionado. Em S. Petersburgo, em vez de ser louvado pela sua valente defesa, é submetido a um conselho de guerra e condenado à morte, como decreta a lei russa para todo o general que entrega ao inimigo uma fortaleza. À última da hora, porém, o Czar indultou-o, restituindo-lhe a liberdade e tôdas as suas dignidades.

O fim de Kuropatkine não é mais brilhante.

Em 20 de Fevereiro, principia a formidável hecatombe de Mukden, a batalha decisiva. Kuropatkine retira. É uma retirada desoladora. Em 10 de Março, o marechal Oyama entra em Mukden. Os japoneses perderam 50 mil e os russos 90 mil homens entre mortos e feridos.

Sete dias depois da batalha, Kuropatkine é destituído do comando, que é entregue a Linievitch. O antigo generalíssimo, num encontro dramático, suplica ao seu antigo subordinado, com lágrimas nos olhos, um comando. Concedem-lhe o do 1.° exército. De Março a Setembro, ambos os adversários, cansados até ao extremo, recebem reforços e espreitam-se atentamente. Além do episódio isolado da ocupação da ilha Sacalina, nada de importante ocorre. Contudo, nenhum dos dois campos deseja que a guerra se prolongue. Na Rússia, as desditas da guerra e a opressão das massas do povo provocam revoltas sangrentas, que constituem o prelúdio da Revolução. No Japão, os políticos são suficientemente prudentes para não exagerar nas suas exigências. O Presidente dos Estados Unidos, Teodoro Roosevelt, oferece os seus bons ofícios, para servir de medianeiro. A 10 de Agôsto de 1905, os delegados russos, japoneses e americanos encontram-se pela primeira vez em Portsmouth, nos Estados Unidos. Depois de demoradas discussões, a paz é assinada em 7 de Setembro nesta cidade. Abrange o reconhecimento pela Rússia da preponderância dos interesses japoneses na Coreia, a evacuação da Manchúria pelos dois exércitos, a cedência de Pôrto-Artur, de Dolny e da metade meridional de Sacalina ao Japão e privilégios de pesca japoneses nas águas russas.

Simultâneamente, o Mikado intensifica a sua aliança com a Grã-Bretanha.

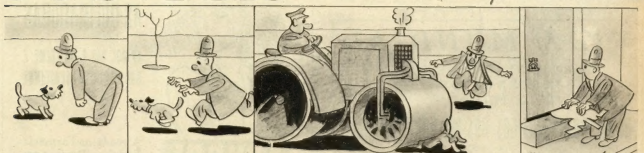
Quando as condições da paz russo-japonesa são divulgadas em Tóquio, alastra em todo o Japão uma formidável indignação popular. O ministério tem de demitir-se. Mas a paz é, por enquanto, uma realidade.

Conta-se que quando o plenipotenciário japonês, Komura, assinou o tratado da paz, teve sôbre os lábios um sorriso enigmático, aquêle sorriso estereotipado e indecifrável dos orientais. Terá êle adivinhado que assinava apenas um armistício, que a última decisão entre russos e japoneses ainda não caíra?...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível inserir hoje as habituais páginas dedicadas à «História da Nova Guerra Mundial», da autoria do distinto jornalista Carlos Ferrão, cuja publicação continuará, porém, no próximo número.

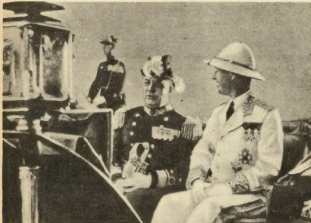
O CÃO PERDIDO

por Stuart Carvalhais

— Não há dúvida. Êste cão é o do Carvalhosa. Deve andar perdido. Eu vou-lho levar.

— Anda cá, «Piloto»! Anda para casa do teu dono! Anda, eu levo-te... Não fujas!...

— Ó diabo! Vais ficar espalmado!... Eu não te disse que viesses comigo? Pois hás-de ir...

— Estou farto de bater e ninguém me responde. O melhor é metê-lo por debaixo da porta...

OS COMANDOS BRITÂNICOS NA LÍBIA — O vice-marechal do Ar, Coningham, com o general Ritchie, num pôsto do Estado Maior do deserto.

O GOVERNADOR geral das Índias Orientais Holandesas com o vice-almirante inglês Helfrich.

O GENERAL WAVELL, no aeropôrto de Xung-King, após a conferência com Chang-Kai-Chek, acompanhado pelo major-general americano George Brett, pelo major-general inglês Dennys e pelo brigadeiro Mugruder.

A ESFERA MISTERIOSA

(Continuação da pág. 18)

nesta casa. Olhe que todos nós sentimos como se fôssem um pouco nossos os seus triunfos.

E o vélho Stone devia ser sincero ao pronunciar aquelas palavras. Chegou-lhe logo uma cadeira junto da sua secretária e deixou-se caír com um suspiro de fadiga no seu assento giratório.

Charles Read tinha a impressão de que sempre vivera, assim, na intimidade daquele homem cujos cabelos haviam embranquecido assustadoramente durante aquele último ano. Sentiu-se na obrigação de preguntar pelos seus antigos colegas.

— Tudo bem, tudo na mesma — respondeu Stone. — Os empregados são ainda os antigos. Só para o seu lugar entrou outro rapaz, o Smith, que cumpre, vai cumprindo menos mal... E sentir-nos-íamos muito felizes se não fôsse o que aconteceu à pobre Dorothy. Isso é que nos traz a todos desorientados. É um caso incompreensível... Foi por isso que me lembrei de si. Você é o homem indicado para tornar claro o que aos outros se afigura mistério impenetrável.

— Creia, «mister» Stone — disse o polícia — que o caso de Dorothy me merece o mais alto interêsse. Chocou-me profundamente.

— Eu sei que o senhor dedicava à pobre rapariga um grande afecto. E ela é bem digna de estima — pronunciou o comerciante, comovido. — Há muito poucas raparigas, na nossa época, que reúnam tantas e tão excelentes qualidades como ela.

Era grato a Charles ouvir falar daquele modo a respeito de Dorothy. Era como se elogiassem uma pessoa da sua família.

— Ela continuava a ser comedida como dantes? — inquiriu.

— A mesma coisa — respondeu Stone. — Muito boa colega, muito boa empregada. O senhor não calcula o entusiasmo com que ela seguia os seus triunfos. Andava sempre à cata nos jornais de notícias que lhe fizessem referência. Algumas eu li que me foram indicadas por ela.

— E quando se deu por sua falta? — preguntou Charles Read.

— Ontem de manhã — disse o comerciante. — Ante-ontem, ainda ela aí esteve perfeitamente, sem que ninguém pudesse prever o que iria acontecer-lhe. Ela própria não o pressentia, por certo, porque foi um dos dias em que se mostrou mais jovial e bem disposta. Ontem de manhã, procurou-me a pobre mãe, aflitíssima, porque Dorothy não fôra para casa na véspera, nem aparecera em tôda a noite. Dorothy fôra sempre pontual, nunca faltara em casa. Não era, como a outra irmã, a tal Judy, que, pelo que me constou, batia todos os «récords» do estouvamento e leviandade.

— «Mister» Stone chegou a conhecer a irmã de Dorothy?

— Não, nunca a vi — respondeu o negociante. — Mas disseram-me que era muito bonita. Quem a conhecia bem era John King, que era uma espécie de protector daquela família. Foi êle mesmo quem me inculcou Dorothy como empregada e estou-lhe até bem grato por isso, não podia encontrar pessoa mais assídua e mais perfeita no seu trabalho; merecia bem o dinheiro que ganhava e que espero volte a ganhar, porque não perdi a fé de encontrá-la. Ponho em si tôdas as minhas esperanças, caro Read.

Stone calou-se, comovido. O «detective», decorrido um instante, pronunciou:

— Que pensa a mãe de Dorothy do desaparecimento da filha?

— A pobre velhota nem sabe o que pensar. Diz que não compreende. Ainda no caso da outra filha, não lhe era muito difícil admitir hipóteses, de entre as quais a mais aceitável é de que Judy teria possìvelmente seguido algum amante, numa súbita reviravolta de espírito, que lhe era peculiar.

— Sim, lembro-me de que Dorothy admitiu também essa hipótese — disse Charles Read. — Mas não a podemos aplicar neste caso.

— Oh! Não! — exclamou Stone. — Dorothy é de raça bem diferente. Por isso mesmo se torna mais difícil encontrar explicação plausível para o seu desaparecimento. Ela vivia relativamente feliz. Tinha aqui um bom ordenado que lhe chegava e sobrava para viver com a mãe uma existência folgada. Além disso, muito poupada, pouco dada a divertimentos, sem preocupações de «flirt». Também não era rica, que pudesse tornar-se boa prêsa para os profissionais de raptos. Quem a poderia ter levado? Que razões haveria para o raptar?

Stone calou-se, desalentado. O polícia quedou pensativo. Foi com voz insegura que inquiriu:

— Não teria ela despertado alguma paixão que, não sendo correspondida, levasse o apaixonado a conquistá-la à fôrça?

— Realmente, ela é uma jovem cativante, bonita, esbelta — respondeu o ancião. — Mas a sua beleza não me parece daquelas que provoquem, que perturbem os sentidos. A sua beleza tem qualquer coisa de espiritual, que os temperamentos sensuais não devem apreciar, nem notar sequer.

Charles Read concordava intimamente com o que acabava de ouvir. Êle também tinha essa impressão da beleza de Dorothy. Parecia-lhe até que só êle tinha olhos para descobrir a sua sedução.

De súbito, um pensamento atravessou-lhe o cérebro: teria o rapto de Dorothy alguma relação com o caso da esfera de aço? Não era John King amigo da família de Dorothy, uma espécie de seu protector? Seria ela conhecedora da existência da esfera? Êstes pensamentos perturbaram-no tanto que, por momentos, apertou a cabeça entre as mãos como se receasse que ela estalasse. Entretanto, Stone ia dando informes sôbre o sucedido.

— A pobre mãe — dizia êle — revolveu ontem céu e terra na esperança de encontrar a filha. Nós, aqui, também empregámos os nossos melhores esforços. As esperanças foram fugindo, uma a uma. Nem nos hospitais, nem na prisão, nem no necrotério se encontrou a pobre rapariga. Participou-se hoje o caso para os jornais. Pensou-se em pedir a intervenção da polícia. Eu, porém, é que fui da idéia de recorrer à sua habilidade para estas coisas, meu caro Read. Só o senhor poderá fazer alguma luz no meio dêste mistério.

O desespêro de Charles Read naquele momento, era sentir só trevas, das mais espessas, à sua volta. E agora que estava em perigo a vida de uma pessoa querida é que êle se sentia mais desorientado. O desaparecimento de Dorothy era um enigma tão cerrado como o da bola de aço. Veio-lhe de novo à ideia o milionário. Não haveria qualquer analogia entre o caso dêle e o de Dorothy?

— «Mister» King não sabe ainda do desaparecimento? — inquiriu inesperadamente o polícia.

Stone teve uma ligeira hesitação antes de responder. Depois, pausadamente pronunciou:

— Creio que «mister» King já deve ser sabedor, pelo menos, por intermédio dos jornais. Mas a falta de Dorothy não deve afligi-lo tanto como a de Judy.

Charles Read franziu o sobrecenho e proferiu:

— Não compreendo porquê...

— É muito simples — explicou o outro, com um sorriso amargo. — Quando Judy desapareceu, King alarmou-se muito, chegou mesmo a oferecer uns milhares de dólares pelo resgate, porque a rapariga era sua amante.

— Quê?. — exclamou Read, erguendo-se inadvertidamente da cadeira. — Judy era amante de John King?

— Era... Julguei que o senhor sabia... Principiou por ser dactilógrafa particular de King e depois... como ela não era pessoa muito escrupulosa, tornou-se amante dêle. Foi um caso que se rosnou por aí... Creio que chegou a haver certas desavenças no lar do milionário por causa disso. Daí nasceu o interêsse dêle por tôda a família de Judy e a razão porque me recomendou Dorothy.

— É espantoso... — murmurava o «detective».

E, como que atacado por uma pressa súbita, despediu-se de Stone que o olhava atónito e correu para a saída.

— Mas... Mas que aconteceu?... — inquiria o comerciante, no auge do assombro. — Descobriu alguma pista?...

— Parece-me que sim... Eu, depois, darei notícias minhas... Adeus!...

E, com estas palavras, Charles Read desapareceu, a correr e a repetir a meia voz como que para não se esquecer:

— Interessava-se pela outra, porque era sua amante... Interessava-se pela amante... Esta não lhe interessa...

Achou-se no passeio, procurando instintivamente um «taxi» livre. Mandou parar o primeiro que surgiu e atirando-se para o banco estofado exclamou:

— Mas foi então Judy quem lhe vendeu a bola de aço!... Por isso lhe interessava encontrá-la... Esta não lhe interessa.

O «chauffeur», olhando-o desconfiado, julgando-se na presença de um louco, inquiriu:

— Para onde?

— Décima Avenida... Não! Não!... Para Oakland Street. Preciso de descansar.

O «taxi» partiu a tôda a velocidade.

(Continua)

QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Até ao dia 31 do mês próximo, todos os leitores da «Vida Mundial Ilustrada» e do nosso folhetim policial «A Esfera Misteriosa» têm uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de sagacidade e perspicácia.

Acompanhando a leitura da obra de Max Felton, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até ao dia 31 de Março nos mandem, em carta fechada, as respostas a estas três preguntas ligadas com a acção do romance:

1.º — Quem roubou a esfera misteriosa?
2.º — Onde está a esfera misteriosa?
3.º — Que contém a esfera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

1.º prémio — A quem acertar com as três respostas.
2.º prémio — A quem acertar com as respostas a duas das preguntas.
3.º prémio — A quem acertar com a resposta a uma das preguntas.

Damos, a seguir, a indicação dos três prémios que «Vida Mundial Ilustrada» oferece para êste sensacional concurso:

1.º PRÉMIO — UMA VALIOSA COLECÇÃO COMPLETA DOS ROMANCES POLICIAIS E DE AUDACIOSAS AVENTURAS DO PRINCIPE SAVIL — O HERÓI QUE SE ODEIA E QUE SE AMA — DA AUTORIA DO GRANDE ESCRITOR AMERICANO **JOELSON.**

9 LIVROS — 9 ROMANCES — 9 MISTÉRIOS

1 — O rapto de Miss Damby.
2 — Os forçados da ilha sem nome.
3 — Um crime nas ruas de Nova-York.
4 — O tenebroso mistério do Bairro Chinês.
5 — A mulher jogada aos dados.
6 — A história sem nome dum homem sem pernas.
7 — O clube dos «gangsters».
8 — Um grito no 65.º andar.
9 — A dança do sabre.

UM PRÉMIO ADMIRÁVEL. UMA COLECÇÃO DE ROMANCES QUE FICARÁ BEM EM QUALQUER BIBLIOTECA

2.º PRÉMIO — UMA DAS MELHORES OBRAS DO GRANDE ESCRITOR INGLÊS **EDGAR WALLACE.**
O INTRIGANTE (THE MIXER). Um livro assinado por um dos melhores autores do género policial de todo o Mundo.

3.º PRÉMIO — DOIS ROMANCES DA CONSAGRADA «COLECÇÃO DETECTIVE»: O CÃO POLICIA, de Nelson Mackey, e A TRAGÉDIA DO PALHAÇO, de James Black.

O ESFÔRÇO DE GUERRA BRITÂNICO exige a colaboração de todo o povo nas frentes de batalha, nas oficinas e nos campos. Aqui vemos uma mulher inglesa substituindo um operário numa fábrica de motores de aviação.